

---

# O SANTO QUE NÃO É SANTO E O INIMIGO NÚMERO UM DA REPÚBLICA

---

Evellyn da Silva Dutra<sup>1</sup>

## Resumo:

Este trabalho objetiva responder à questão: como as representações (imagens e principais fontes) de duas revoltas interferiram na concepção que hoje se tem acerca de Padre Cícero, que no Nordeste é considerado um santo, e Antônio Conselheiro que foi tido como um inimigo da recém fundada República Brasileira? Antônio Conselheiro foi líder de Canudos, comunidade formada por pessoas pobres que viviam de forma comunitária, e que na imprensa os julgavam como monarquistas que queriam acabar com a recém fundada República. Já Padre Cícero foi líder da Revolta (ou Sedição)<sup>2</sup> de Juazeiro que contraria o presidente da época, que queria pôr fim ao coronelismo muito presente na política brasileira. Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha faz uma discussão sobre o homem do sertão, ele defende que a mistura das raças e a caatinga transformou, de alguma forma, o homem daquela região. Nas imagens contidas no livro percebemos majoritariamente pessoas negras. Talvez esse racismo científico presente em uma das principais fontes sobre Canudos já nos delinea uma das possíveis respostas para a questão inicial. A metodologia utilizada será análise de fontes e revisão bibliográfica. De referência teórica utilizarei Pierre Bourdieu e suas contribuições para a sociologia da religião.

**Palavras-chave:** Revolta do Juazeiro, Canudos, messianismo, Racismo, Catolicismo

## Introdução

No dia 14 de novembro de 1889, um grupo de militares liderados por Deodoro da Fonseca, que posteriormente se tornaria o primeiro presidente do Brasil, cercaram o quartel-general e ordenaram que Visconde de Ouro Preto e o

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Estadual de Goiás.

<sup>2</sup>Sedição seria o termo mais correto, pois significa sublevação contra qualquer autoridade constituída, porém, revolta é o termo mais utilizado para se referir a este episódio.

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

ministro da Justiça, Cândido de Oliveira, fossem presos. No outro dia seria proclamada a República, o que muitos festejaram na capital federal, o Rio de Janeiro.

Foi um momento de muitas mudanças, principalmente para o sudeste e para as regiões urbanas. Porém as forças políticas permaneciam praticamente as mesmas, as oligarquias continuavam a ser constituída basicamente por coronéis. No período da República se fortaleceu ainda mais o coronelismo. O posto mais elevado na hierarquia da Guarda Nacional durante a era do Império era o de coronel. Eles atuavam como uma ligação entre os latifundiários e o governo. Com a chegada da República, a Guarda Nacional perdeu sua natureza militar, porém, os coronéis mantiveram seu poder político nos municípios onde residiam. A partir desse ponto, o coronelismo evoluiu para representar um sistema complexo de negociação entre esses líderes locais, os governadores dos estados e o presidente da República. Os coronéis desempenharam um papel crucial na formação da estrutura oligárquica tradicional, que se baseava em poderes personalizados e geralmente se concentrava nas grandes fazendas e extensas propriedades de terra. Os coronéis comprometiam seu apoio ao governo estadual por meio de votos, e, em troca, o governo garantia o domínio do coronel sobre seus subordinados e concorrentes. Isso foi feito especialmente por meio da distribuição de cargos públicas, que iam desde delegados de polícia até professoras primárias.

Um ano antes acontecia a abolição da escravidão por meio da Lei Áurea. Porém nenhuma política foi feita para reintegrar os ex escravizados na sociedade, pelo contrário, começaram a surgir teorias racistas para tentar provar por “meios científicos” a inferioridade de negros, indígenas e mestiços em relação aos brancos. Segundo o pensamento de Wissenbach (1998), assim como a percepção do negro passou a ser considerada como alguém que não possuía história, suas expressões culturais, estruturas sociais e tradições antigas, que tinham raízes no passado étnico da escravidão, passaram a ser encaradas da mesma forma. Essa visão do negro como um ser incomum nos

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

tempos modernos, com inclinações para o caos e a falta de organização, estava impregnada da ideia persistente de considerá-lo como alguém vazio de vivências e aprendizados. Para muitos, o negro surgia, então, no período após a Abolição, como um ser que emergia do nada, do vazio deixado pela escravidão, e que, mais tarde, seria preenchido pelo conceito igualmente impreciso da marginalidade social.

Esse é o período que acontecia a Guerra de Canudos (1896-1897) e a Revolta do Juazeiro (1913-1914) que será tratado neste artigo. Sendo dividido da seguinte maneira: primeiramente uma breve discussão acerca dos dois movimentos, logo após uma discussão das principais fontes e, por fim, algumas hipóteses para a questão central de discussão: como as representações (imagens e principais fontes) de duas revoltas interferiram na concepção que hoje se tem acerca de Padre Cícero, que no Nordeste é considerado um santo, e Antônio Conselheiro que foi tido como um inimigo da recém fundada República Brasileira?

A referência teórica se funda nas contribuições de Pierre Bourdieu (2007) para a sociologia da religião (com sua experiência na análise da comunidade Cabila). Ao analisar uma sociedade agrária, Bourdieu percebe uma tentativa de desvalorização da religiosidade popular, nos termos utilizados (magia), mas também na sua conceituação e em seu significado. Utilizarei essa teoria sociológica para analisar o campo religioso do interior do nordeste brasileiro, observando um representante da ordem vigente, o Padre Cícero; e o representante do “questionamento” da ordem vigente, o profeta Antônio Conselheiro. A metodologia empregada é a revisão bibliográfica e análise de fontes. Utilizando “Os Sertões” de Euclides da Cunha como base do estudo sobre Canudos, e “A Sedição do Joazeiro” de Rodolpho Teophilo e “O Joazeiro de Padre Cícero e a revolução de 1914” de Irineu Pinheiro para o estudo da Revolta de Juazeiro. Para além das fontes literárias usarei o artigo “Desordens do Joazeiro” publicado no Diário de Pernambuco em 1896, comparando Padre Cícero e Antônio Conselheiro.

### Dois Movimentos de ideais totalmente opostos

Em 1896, fugindo da miséria da recém fundada república, milhares de pessoas marcharam rumo ao Arraial de Canudos, localizado na Bahia, pela promessa de uma sociedade baseada na propriedade social e igualitária. Seu líder era Antônio Conselheiro um homem que andava pelos sertões do Nordeste pregando o que alguns estudiosos chamam de Catolicismo Rústico<sup>3</sup>, com características igualitárias e acreditava que era um enviado de Deus para acabar com as injustiças sociais.

Figura 1 - Antônio Conselheiro e Casa comum em Canudos



Fonte: Instituto Moreira Salles

Com o crescimento de Canudos, diversos padres e coronéis da Bahia começaram a chamar o movimento de monarquista, e pressionavam o governo para tomar providências. O principal problema que afligia os coronéis era a diminuição de mão-de-obra para trabalhar em suas fazendas, e também a ideia de que outra sociedade era possível, que estava se espalhando entre a população mais pobre. O governo republicano decidiu agir, diversas expedições foram enviadas rumo ao arraial para acabar com a comunidade, ao todo foram quatro expedições que acabaram dizimando toda a população de Canudos.

---

<sup>3</sup>Desde o período colonial coexistem duas formas de catolicismo no Brasil. O Catolicismo Ortodoxo, de adeptos principalmente de origens mais abastada e de caráter urbano, e o Catolicismo Rústico que é uma religião mais popular, independente da oficialidade eclesiástica, religião de camadas subalternas, onde é um campo mais fértil para o surgimento de movimentos messiânicos.

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

Com o movimento de “Políticas da Salvação” promovido pelo governo federal de Hermes da Fonseca, com o intuito de destituir do poder as oligarquias regionais, como o presidente<sup>4</sup> do estado do Ceará Nogueira Acioly. Os oligarcas do estado se uniram para se defenderem, entre eles estava o Padre Cícero, essa união ficou conhecida como “Pacto dos Coronéis”

Figura 2 - Floro Bartolomeu e Padre Cícero



Fonte: Acervo Renato Casimiro e Daniel Walker

Nogueira Acioly já estava há 16 anos à frente do poder do Estado do Ceará, que estava passando por diversos problemas, fome, miséria etc. A população insatisfeita com essa situação já há diversos anos, decide fazer uma manifestação. Esse evento ficou conhecido como “Passeata das Crianças” vestiram crianças com roupas brancas para protestar contra o governo de Nogueira Acioly, o evento foi promovido pela “Liga Feminina Libertadora Pró Rabelo”<sup>5</sup>. O movimento foi fortemente reprimido, o que fez com que a população se rebelasse mais ainda contra o governo. Com isso, e com as Políticas de

<sup>4</sup> Durante a República Velha chamava-se Presidente de Estado, o cargo de dirigente estadual, foi após a “Revolução de 30” que passou a se chamar governador.

<sup>5</sup> Marcos Franco Rabelo foi um indicado do governo federal para ocupar o cargo de presidente de estado do Ceará, com o intuito de acabar com a oligarquia vigente. Ficou no cargo entre 14 de julho de 1912 a 14 de março de 1914, seu governo foi muito conturbado pela Revolta de Juazeiro, foi sucedido por Setembrino Carvalho.

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

Salvação promovida pelo governo federal, criou-se uma crise insustentável, e Acioly renuncia ao poder. Em seu lugar, o presidente da época Hermes da Fonseca indica Marcos Franco Rabelo o que não satisfaz o Pacto dos Coronéis, e estes se unem para planejar um golpe e retirá-lo do poder. Os Coronéis decidem atacar Fortaleza e depor Franco Rabelo. Com isso, o governo federal age e coloca como interventor o general Setembrino Carvalho. Novas eleições acontecem e o Pacto dos Coronéis ganha; assim, Padre Cícero além de prefeito de Juazeiro do Norte, se tona também vice-governador do Ceará.

### **A Literatura produzida sobre os movimentos**

As principais fontes que temos para se estudar a Sedição do Juazeiro são “A Sedição do Joazeiro”(1922) de Rodolpho Teophilo<sup>5</sup> (1893-1932) e “O Joaseiro de Padre Cícero e a revolução de 1914” (1938) de Irineu Pinheiro<sup>6</sup> (1881-1954). Ao analisar a literatura, procuro identificar qual linha interpretativa cada autor segue em suas análises acerca do movimento.

Ambos os autores chamam a população envolvida no movimento de “fanáticos”, mas cada um defendendo seu lado. Teophilo diz “Joazeiro, terra dominada pelo mais grosseiro fanatismo” (1922, pág.30) defendendo os aliados de Rabelo que se encontravam mais concentrados em Fortaleza. Já Pinheiro, que estava ao lado dos defensores de Acioly, afirma que em Fortaleza “grande parte da população, [estava] possuída de uma exaltação política que atingia as raias do fanatismo” (1938, pág.90).

A principal fonte para o estudo sobre Canudos é o clássico “Os Sertões” de Euclides da Cunha<sup>6</sup> (1866-1909). Em seu livro, percebemos uma forte influência das teorias racistas que estavam em seu auge naquele período, principalmente do Darwinismo Social e das ideias formuladas por Nina

---

<sup>6</sup>Era escritor e jornalista, nascido em Cantagalo, estudou na Escola Politécnica e na Escola Militar da Praia Vermelha, tornando-se brevemente um militar. Ingressou no jornal A Província de São Paulo (hoje O Estado de São Paulo) onde teve a oportunidade de ir à última das quatro expedições do exército rumo à Canudos.

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

Rodrigues. Além, de fortes preconceitos acerca dos sertões do Nordeste. É comum afirmações como esta

Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço - traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares é, quase sempre, um desequilibrado. Foville compara-os, de um modo geral, aos histéricos. Mas o desequilíbrio nervoso, em tal caso, é incurável: não há terapêutica para este embater de tendências antagonistas, de raças repentinamente aproximadas, fundidas num organismo isolado. Não se compreende que após divergirem extremadamente, através de largos períodos entre os quais a História é um momento, possam dois ou três povos convergir, de súbito, combinando constituições mentais diversas, anulando em pouco tempo distinções resultantes de um lento trabalho seletivo. Como nas somas algébricas, as qualidades dos elementos que se justapõem não se acrescentam, subtraem-se ou destroem-se segundo os caracteres positivos e negativos em presença. E o mestiço - mulato, mamaluco ou cafuz, menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores. (CUNHA, 2019, p. 151)

Para além das fontes literárias, outra base deste trabalho é um artigo do jornal “O Diário de Pernambuco”, circulado no mês de dezembro de 1896, nele é defendido a tese de que “Padre Cícero está se tornando um Conselheiro” e defende que as autoridades devem agir rápido para que isso não se conclua, pois para o autor, esses personagens “anarquizam a sociedade”. Nele é usado termos como: “fanáticos” e “populações ignaras”.

Estes ídolos que levantam-se nos incultos sertões, subjugando o espírito simples dos sertanejos, vem constituir-se numa arma de combate contra os direitos da civilização humana. Enquanto que o Estado, fundando escolas, com as quaes procura instruir e educar o povo, e com muita dificuldade pode fazer penetrar no interior do paiz o verbero desta luz civilizadora que adoça os costumes e dispõe os homens dos deveres da vida social, habitando-os a praticá-los; espíritos pervertidos apoderam-se da fraqueza dos seus concidadãos para erigerem-se ídolos impostos as suas homenagens, elevando assim um poder, uma grande influência moral pela qual conseguem agitá-los como bem entendem, gosando da irresponsabilidade de actos perniciosos que porventura commettam ; assim podem tornar-se factores do crime, ou desarmar a acção das autoridades, quando estas tenham de agir contra os seus adeptos, e finalmente errear dificuldades aos interesses mais sérios de uma localidade. [...] Não é a religião que fica exaltada e vivifica-se com as práticas, e inventos de homens que

se inculcam inspirados pela divindade, e predestinados para representá-la; não são estes autores de milagres que por meios engenhosos dominam o espírito popular destituído da influência dominante nas sociedades cultas, que podem trazer ao coração do povo o amor da prática de bem, a compreensão dos deveres que impõe a religião do calvário. [...] Hoje, quando vemos os males que um Antonio Conselheiro tem causado, fazendo do fanatismo uma bandeira, sob a qual arrasta a todos que consegue perverter e dominar levando-os ao crime, mais razão temos ainda de lembrar a necessidade de reagir contra as práticas supersticiosas por meio das quaes podem espíritos maléficos anarchisar a sociedade, depois de nella enraizarem perniciosos vícios. (O Diário de Pernambuco, 1896, p.1)

### Linhas Interpretativas

Existem diversas linhas teóricas para analisar estes movimentos. Nas principais fontes estudadas percebe-se uma grande influência da teoria de interpretação biopsicológica que, pautada pelo racismo científico da época, “definiam o sertanejo como um tipo mestiço e emocionalmente instável, inclinado ao temperamento místico e belicoso (QUEIROZ,2005, pág.141)”. Os autores pautados por essas teorias defendiam que o tipo biológico principal dessas regiões, o mestiço, tinha uma inclinação ao fanatismo, tratado como uma patologia mental. Essa linha interpretativa, tem certo dualismo, por um lado os definem como sanguinários, loucos, bandidos e fanáticos, de outro, como ingênuos, pacíficos e místicos.

*Figura 3 - Pessoas negras habitantes de Canudos*



Fonte: Instituto Moreira Salles

Outra linha interpretativa são as sociológicas tradicionais, a principal de perspectiva marxista que, defendem o messianismo como uma modalidade arcaica ou pré-política de revolução social, esses teóricos

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

observam as estruturas econômicas da sociedade como a base material da religiosidade sertaneja, sua “cobertura ideológica” ou “falsa consciência”. Essa linha, faz uma espécie de reducionismo desses eventos, não leva em consideração a cultura e a religiosidade dessas sociedades. Pois ainda os observam como “os outros”, “os atrasados”, “os bárbaros” etc.

A abordagem compreensivo-interpretativa, talvez seja a que melhor consegue compreender esses eventos, pois, assim como

Monteiro concede primazia à ideologia religiosa camponesa, abandonando a tese de que seria ela um epifenômeno da base material, para melhor compreendê-la como um universo semântico por meio do qual o mundo material alcança sentido. Para tanto, investiga os surtos “de dentro”, visando superar o elitismo das diferentes versões até então disponíveis. (QUEIROZ, 2005, p. 146)

Já é consenso que ambos os movimentos são de caráter messiânico. Principalmente, por ser de regiões onde é proeminente a presença do Catolicismo Rústico, que é campo fértil para o surgimento desses movimentos. Porém alguns autores defendem usar outro termo para definir esses movimentos em vista que, “a categoria ‘messias’ não é encontrada no universo cultural sertanejo, e sim as de ‘beato’, ‘santo’ e ‘conselheiro” (QUEIROZ, 2005, p.147).

A teoria de Bourdieu, na qual esse trabalho se sustenta, é enquadrada na abordagem compreensiva-interpretativa. Pois o autor vai além da teoria marxista que se fundamenta na luta de classes para explicar os movimentos messiânicos, além de recusar as explicações biopsicológicas para a explicação do fato religioso. Ele se baseia na teoria de Marx, mas também, na teoria de Weber que compreende a religião como uma dimensão da sociologia do poder e na teoria de Durkheim que a vê como uma dimensão da sociologia do conhecimento. Para Bourdieu a sociologia da religião deve ultrapassar o culturalismo e conceber a religião como um fato social ligado a outros fatos sociais. Utilizarei sua análise de líderes religiosos, tendo em vista que, na sua teoria, Antônio Conselheiro é visto com um profeta, que questiona a ordem vigente, e Padre Cícero, o sacerdote, como a expressão dessa ordem vigente.

Pelo fato de que a posição das instâncias religiosas, instituições ou indivíduos, na estrutura da distribuição do capital religioso determina

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

todas suas estratégias, a luta pelo monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os leigos e da gestão dos bens de salvação organiza-se necessariamente em torno da oposição entre (I) a Igreja e o profeta e sua seita (II). Na medida em que consegue impor o reconhecimento de seu monopólio (*extra ecclesiam nulla salus*) e também porque pretende perpetuar-se, a Igreja tende a impedir de maneira mais ou menos rigorosa a entrada no mercado de novas empresas de salvação (como por exemplo as seitas, e todas as formas de comunidade religiosa independentes), bem como a busca individual de salvação (por exemplo, através do ascetismo, da contemplação e da orgia). (BOURDIEU, 2007, p. 58)

Voltando a questão inicial que esse artigo pretende responder: como as representações (imagens e principais fontes) de duas revoltas interferiram na concepção que hoje se tem acerca de Padre Cícero, que no Nordeste é considerado um santo, e Antônio Conselheiro que foi tido como um inimigo da recém fundada República Brasileira?

Como foi exposto anteriormente, as principais fontes para o estudo das duas revoltas tratam dos sertanejos como seres inferiores, ignorantes e que são facilmente manipuláveis. Porém, “Os sertões” para além de um texto base para o estudo da Guerra de Canudos, se tornou também um livro clássico brasileiro, ao contrário dos textos acerca da Revolta de Juazeiro. Porém, antes de ser publicado como livro, seus escritos eram publicados diariamente no jornal A província de São Paulo, de grande circulação. As imagens contidas no livro, nos apresenta majoritariamente pessoas negras, e com o racismo científico muito presente no livro e na sociedade da época a ideia de uma sociedade “baderneira” e “inferior” que se estabeleceu na Bahia, com a imagem de seu líder máximo Antônio Conselheiro, se espalhou por toda a sociedade brasileira, que permanece até os dias de hoje.

As imagens de referência da Revolta de Juazeiro, são principalmente fotos de Padre Cícero, que é considerado santo pela população nordestina, por um suposto Milagre da Hóstia, que não é reconhecido pela igreja católica. O Padre chegou a ser afastado da igreja por afirmar ser verdade o milagre, mesmo após haver uma investigação por parte da igreja para beatificá-lo, caso as

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

investigações afirmassem ser um milagre, o que não ocorreu. Além de o padre estar constantemente envolvido em “perturbações da ordem pública”.

Não é só o Padre Cícero que do lugar Joazeiro (do Ceará) tem feito a metrópole da superstição sertaneja, a nova Meca, pátria do profeta, se é provável admitir a comparação; é ainda nos sertões da Bahia. Que uma organização semelhante em que milhares de pessoas dirigem-se automaticamente por um homem que embrutece lhes o espírito, perverte-lhes os sentimentos, que depois de ter-se lentamente constituído; já possui o poder de impor-se, e romper mesmo no campo de lucta armada, com as autoridades públicas. [...] Se assim é, tínhamos razão quando uma vez dissemos, referindo-nos ao Joazeiro (do Ceará), que a superstição alli dominante, e creada pelo Padre Cícero, attrahindo milhares de pessoas do centro dos diversos Estados, traria mais cedo ou mais tarde séria perturbação da ordem pública, e assim era deplorável que tivesse o governo sido indiferente aos progressos da empreza de fanatizar os centros do paiz, ainda distanciados da cultura que deveriam ter. (O Diário de Pernambuco, 1896, p. 1)

*Figura 4 - A diversidade étnica presente no movimento*



Fonte: Acervo Renato Casimiro e Daniel Walker

Como homem branco, o padre não sofreu o racismo científico da época que inferiorizava pessoas negras em relação as pessoas brancas. Além de ser uma força política na região e aliado dos coronéis, tinha muitas propriedades em seu nome e muitos fiéis que o admirava. Apesar do que está no imaginário popular, e nas principais fontes escritas sobre a Revolta de Juazeiro, as imagens nos mostra que existiam sim, e muitas, pessoas negras presentes no movimento.

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

### Considerações finais

Por fim, concluo que para além de questões de força política e monetária, e de oficialidade clerical, que padre Cícero representava, a questão primordial que elevou sua imagem a um nível de santo, e de pessoa importante no cenário nacional foi racial. Além de que sua luta, ao contrário de Conselheiro, não foi ao lado de pessoas pobres e marginalizadas, mas sim, das oligarquias, principalmente dos coronéis. Me sustento nessa tese tendo em vista da principal representação de Canudos, não é apenas o Conselheiro, mas também milhares de pessoas negras, que fugindo da pobreza e do esquecimento do Estado para com as pessoas ex escravizadas, viram em Conselheiro e em Canudos uma saída para a miséria.

### Referências

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**: introdução, organização seleção Sergio Miceli. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007

CAMURÇA, Marcelo. A “Guerra do Juazeiro” de 1914 em duas versões historiográficas opostas. In Revista do Instituto do Ceará, 2018

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 1.ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019

NETO, Lira. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

O diário de Pernambuco. **Desordens do Joazeiro**, Recife, 30 de dezembro de 1896, n° 297. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033\\_07&pagfis=15455](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_07&pagfis=15455)

PINHEIRO, Irineu. **O Juazeiro de padre Cícero e a Revolução de 1914**. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti, 1938

QUEIROZ, Renato da Silva. Mobilizações sociorreligiosas no Brasil: os surtos messiânico-milenaristas. In. **Revista USP**, n67 p.132-149, setembro/novembro, 2005

SCHWARCZ, Lilian M; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

# III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

## II SIMPÓSIO DA ABHR REGIONAL CENTRO-OESTE

TEOPHILO, Rodolpho. **A sedição do Joazeiro**. São Paulo: Monteiro Lobato & Editores, 1922

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. In: **História da vida privada no Brasil**. vol. 3, coleção dirigida por Fernando A. Novais e organizada por Nicolau Sevcenko, 1998